

OS ESPAÇOS ABERTOS PÚBLICOS E AS CORRENTES PAISAGÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

*PUBLIC SPACES AND CONTEMPORARY LANDSCAPE PHILOSOPHIES |
LOS ESPACIOS LIBRES PÚBLICOS Y LAS CORRIENTES PAISAJÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS*

JOÃO HENRIQUE BONAMETTI, ANDREI MIKHAIL ZAIATZ CRESTANI

RESUMO

A arquitetura da paisagem na atualidade é construída por diversas correntes paisagísticas, numa ampla possibilidade de conceitos projetuais que buscam responder aos novos modos de apropriação dos espaços abertos públicos, bem como a interpretar a identidade dinâmica da sociedade do século XXI. Este estudo aborda as correntes paisagísticas contemporâneas estruturadoras formais dos espaços públicos urbanos de lazer e a partir de qual pensamento artístico esses espaços foram projetados. A investigação proposta neste trabalho é a abordagem histórico-conceitual sobre essas correntes paisagísticas contemporâneas. Alguns espaços públicos de lazer, a partir da segunda metade do século XX, são elencados para a discussão no intuito de se compreender de que maneira as várias linguagens projetuais, no que se refere a seus elementos compositivos e programas, organizam as relações socioespaciais dos espaços abertos. Realiza-se, finalmente, uma análise formal e funcional das diversas correntes, suas definições conceituais, significados e contribuições para a arquitetura da paisagem nas últimas décadas.

PALAVRAS-CHAVE: Correntes paisagísticas. Espaços abertos. Paisagem.

ABSTRACT

At present, landscape architecture is based on several landscape philosophies, a wide possibility of design concepts that seek to respond to new modes of intervention of public spaces, as well as interpret the dynamic identity of the twenty-first century society. The objective of the study is to discuss contemporary formal landscape structuring of public urban spaces for leisure and from which artistic thought those spaces were designed. The aim of the paper was to adopt a historical and conceptual approach to an analysis of these contemporary philosophies of landscape architecture. A number of public spaces, developed from the second half of the twentieth century, are listed for discussion with the purpose of understanding how the various languages of design organize the socio-spatial relations of public spaces, regarding their compositional elements and programs. Finally, a formal and functional analysis of the various philosophies, their conceptual definitions, meanings and contributions to landscape architecture in recent decades are discussed.

KEYWORDS: Landscape philosophies. Public spaces. Landscape.

RESUMEN

La arquitectura del paisaje, en la actualidad, se constituye por diversas corrientes paisajísticas admitiendo una amplia posibilidad de conceptos proyectuales, los cuales buscan contestar a las nuevas formas de apropiación de los espacios abiertos públicos, así como a interpretar la identidad dinámica de la sociedad del siglo XXI. Esta investigación aborda las corrientes paisajísticas contemporáneas como estructuradoras formales de los espacios públicos urbanos de convivencia, y a partir de qué pensamiento artístico estos espacios se proyectaron. La investigación propone una trayectoria histórica y conceptual sobre corrientes paisajísticas contemporáneas. Algunos espacios públicos de convivencia, después de la segunda mitad del siglo XX, son elegidos para la discusión con el interés de comprenderse como los varios lenguajes proyectuales, con respecto a sus elementos compositivos y programáticos, organizan las relaciones socioespaciales de los espacios abiertos. Al final, se realiza un análisis formal y funcional de las diversas corrientes, sus definiciones conceptuales, significados y contribuciones para la arquitectura del paisaje en las últimas décadas.

PALABRAS CLAVE: Corrientes paisajísticas. Espacios abiertos. Paisaje.

INTRODUÇÃO

Nas últimas cinco décadas do século XX grandes centros urbanos brasileiros tornaram-se metrópoles que abrigaram enormes contingentes populacionais. Nos anos 1960 e 1970 o crescimento exagerado dessas metrópoles, devido ao intenso processo de urbanização, resultou em grande diminuição das áreas livres e poluição de corpos d'água, trazendo a necessidade de se criar espaços para o lazer, dada a transformação paisagística pela qual a cidade passou, a partir da reconstrução de sua morfologia e ampliação de infraestruturas.

A morfologia e o desenho da paisagem urbana foram alterados e, ao mesmo tempo, atividades culturais e de entretenimento foram adicionadas ao programa das praças e parques, que agregaram esses usos aos setores de esporte e lazer contemplativo.

Os espaços públicos livres de lazer não mais serviam unicamente para a contemplação ou ao lazer esportivo, mas evoluíram para espaços multifuncionais destinados tanto ao lazer passivo quanto para o ativo. A contemplação, o caráter de convivência social, o lazer esportivo e a recreação infantil continuaram presentes. Entretanto, o lazer cultural passou a ter maior importância na construção desses espaços que também incorporaram funções de conveniências e serviços.

Já na década de 1980¹, prezando a qualidade de vida, são firmados procedimentos ecológicos, facilitando a formação de órgãos públicos, departamentos ou secretarias, que tenderam a gerenciar projetos de parques e praças. Esse conceito ecológico foi ampla-

mente introduzido na proposta de revitalização e conservação das várzeas dos rios que ainda estavam intactas. A introdução do conceito de conservação como entidade ecológica útil ao lazer urbano foi muito positiva e marcou a criação de vários projetos paisagísticos para os espaços livres.

Os parques urbanos dos anos 1980 e 1990 tiveram por regra conceitual o pressuposto da conservação ambiental². Em Curitiba, por exemplo, os parques que surgiram nesse período, como o Bosque do Alemão, embora contenham trechos que não passam de cenarizações pós-modernistas, utilizaram bosques e remanescentes de mata nativa como elemento de projeto. Em resposta às questões ambientais emergentes os espaços públicos passaram a ser implantados, em todo o País, num conceito ecológico, e esse despertar da ecologia foi importante também na necessidade da existência das praças.

No final da década 1990, gradativamente, os projetos para as praças e parques urbanos foram se adaptando à contenção de custo que, somada ao interesse eleitoreiro da construção por parte das autoridades responsáveis, contribuiu para a simplificação de vários projetos implantados. Os espaços livres de lazer, projetados a partir desse período, possuem, projetualmente, pouca qualidade estética e fragilidade funcional resultando em propostas que, na maioria das vezes, não atendem aos anseios do usuário.

As praças, assim como os parques urbanos, dentro desse contexto de transformação das cidades, reafirmaram-se indispensáveis opções de área de lazer urbano e adquiriram distintas funções: nas áreas centrais, um espaço para amenizar as condições climáticas, da qualidade do ar e da insolação; além de servir como espaço articulador e centralizador da circulação de pedestres. Nas áreas habitacionais elas passaram a funcionar como espaços de lazer passivo e ativo, além de servirem à convivência das pessoas.

À necessidade de minimizar a obstrução do intenso fluxo de pedestres das grandes cidades, criam-se espaços corredores de passagem, grandes áreas peatonais e esplanadas de circulação. A revitalização de bairros antigos também surge como alternativa para solucionar o problema de degradação do tecido urbano, tal qual projetos de restauração e requalificação de espaços livres para o lazer público que surgem como alternativa para solucionar o problema do abandono e desuso de áreas urbanas, promovendo melhoria dos espaços veiculada também à atração de investimentos financeiros.

O novo conceito projetual, distinto aos pressupostos do modernismo, se instalou e ideias opostas foram se concretizando na procura de alternativas para a problemática paisagística que, apesar de todo o esforço dos modernos, ainda se fazia presente (Bonametti, 2006).

As linguagens compositivas para os projetos paisagísticos a partir da década de 1950 já não obedeciam às regras de composição do ecletismo ou à racionalidade formal do modernismo. Novos usos, revitalização e reconfiguração de espaços livres públicos foram projetados com maior liberdade de expressão na composição formal, definindo

correntes paisagísticas contemporâneas que se estabeleceram a partir dos mais variados pensamentos e partidos estéticos e funcionais.

TENDÊNCIAS PAISAGÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

A partir do início dos anos 1980 no Brasil, apesar dos princípios modernistas de concepção de espaços livres públicos serem utilizados e respeitados, alguns arquitetos paisagistas começaram a buscar e usar em seus projetos novas linguagens estéticas. O espaço aberto para o lazer passa a reunir atividades como o comércio e serviços e os projetos se utilizam desses artifícios para atrair usuários, de maneira que cafés, feiras, lojas se incorporam como parte do programa.

Comunicações de rápido fluxo, interconectando e aproximando metrópoles, incentivam o surgimento de inúmeros movimentos artísticos inovadores nas mais diferentes áreas de expressão, isso devido à caracterização da extrema velocidade das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em fins do século XX.

Nesse contexto, se amplia a diversidade das linguagens projetuais, que são expressões de inúmeras tendências e posturas advindas da complexidade e velocidade das informações em fluxo conformando quase um neocletismo, anunciando a linha de projeto paisagístico denominada Contemporânea (Macedo & Robba, 2002).



FIGURA 1 — Apartamentos Kitigata, Kitigata — Japão (Formalismo gráfico).
Fonte: Holden (2003, p.29).

A paisagem contemporânea tem nos espaços livres para o lazer público o projeto, uma expressão de vanguarda em meio à onipresente tradição modernista, evoluindo do conceito modernista de liberdade abrindo possibilidades formais antes impensáveis, cujos ícones do passado são resgatados e reinterpretados, originando partidos e linguagens irreverentes e cenográficas.

A ruptura com as regras e dogmas das linhas anteriores leva a uma vigorosa e fértil produção de projetos, inspirados em literaturas especializadas e experiências isoladas, que podem ser percebidas em alguns projetos de praças contemporâneas que são representativas de uma conjuntura urbana na qual muitas formas de expressão são aceitas.

Os projetos contemporâneos são influenciados por pensamentos e conceitos que permeiam o contexto histórico e cultural, cenários e alegorias, o uso do mínimo como o máximo projetual, revitalização de espaços pós-industriais e a diversidade ecológica (Holden, 2003). A arquitetura paisagística contemporânea é desenhada a partir da valorização espacial e estética de novos usos e se adapta às necessidades urbanísticas como a circulação de pedestres e criação de espaços multifuncionais.

CORRENTES PAISAGÍSTICAS

As correntes paisagísticas contemporâneas surgiram a partir do movimento pós-moderno e se caracterizam como um maneirismo, uma vez que exploraram a linguagem dos mestres, mas aplicando-a em enquadramentos mais vastos. Elas exploram temáticas expressivas variadas enriquecendo a paisagem urbana contemporânea com originalidade e genialidade.

O Formalismo Gráfico é amplamente utilizado e está presente nos principais projetos paisagísticos das praças brasileiras, já que vem como uma continuação da estética modernista, porém uma preocupação maior com diversidades de materiais, cores e texturas.

Define-se espacialmente por traçados formais, geométricos e abstratos sobre o desenho dos espaços livres. Também pode ser associado à composições bidimensionais que utilizem linhas mestras, grelhas, retículas, malhas, eixo; ou tridimensionais que se definem pela composição ritmada e adota o princípio da construção honesta³ do espaço. Elementos construídos quais sejam: muros, mobiliário, pisos e a própria vegetação, quando utilizada, pode assumir um caráter estrutural do espaço (Figura 1).

A estética modernista não é totalmente abandonada e uma releitura da estrutura espacial é conseguida destacando-se elementos visuais isolados — esculturas vivas, ou árvores e arbustos plantados em fileiras e retículas, ou seja, a vegetação passa a ser elemento pontual e não mais estrutural.

Tanto no mundo quanto no Brasil a arquitetura paisagística pós-moderna tem o mérito de reavaliar a produção do período anterior e consagra uma visão crítico-estrutural da modernidade, distinguindo-se dos ímpetus ideológicos do modernismo e do seu princípio funcional limitador.



FIGURA 2 — *Mas de Les Voltes*, Ampurdán, Girona — Itália (Contextualismo Histórico).
Fonte: Holden (2003, p.16).

O lazer contemplativo do romantismo é resgatado tanto nos parques quanto nas praças contemporâneas com correntes como o Contextualismo Histórico (Figura 2) e o Contextualismo Cultural (Figura 3) que possuem em suas linguagens estéticas uma clara influência dos padrões internacionais contemporâneos. O primeiro utiliza-se intensivamente de cores e de materiais diversos, sendo a vegetação idealizada com função escultórica e tudo inserido em um contexto bidimensional na planta baixa, que irá direcionar toda a criação.

O Contextualismo Histórico resgata a tradição clássica, com reprodução ortogonal euclidiana baseada na tríade: proporção/ordem/geometria, e apresenta uma “colagem” de elementos da arquitetura classicista. O projeto de *Mas de Les Voltes* apresenta eixo simétrico com eixo direcionado por espécies vegetais de inspiração renascentista e proporcionalidade no desenho da circulação principal.

Já o Contextualismo Cultural busca as raízes culturais, locais ou não, criando a identidade do espaço carregada de significado da cultura da qual busca a essência do projeto (Franco, 1997), a exemplo da Figura 3, a paisagem oriental é resgatada para transmitir a atmosfera daquela região.

Os espaços urbanos contemporâneos de lazer se caracterizam pela pluralidade de partidos paisagísticos no ambiente da cidade. Diversidade de formas, texturas e cores, além de justaposição de elementos morfológicos que variam de acordo com a história da cidade proporcionam uma perspectiva visual heterogênea ao transeunte, e correntes paisagísticas como o Pós-Modernismo (Figura 4), o Minimalismo, o Desconstrutivismo e a Arte Ambiental reforçam o caráter de fantasia e cenário dos espaços livres públicos para o lazer.



FIGURA 3 — Praça do Japão,
Curitiba — Brasil
(Contextualismo Cultural).
Fonte: Bonametti (2006, p.317).



FIGURA 4 — *Placés des Nations*,
Genebra — Suíça.
Fonte: Uffelem (2009, p.580).



FIGURA 5 — Parque *Red Ribbon*, Qinhuangdao — China, 2007.
Fonte: Turenscape (2007, *online*).

Sendo a pioneira em romper com os padrões estéticos da primeira metade do século passado, o Pós-modernismo reage contra a severidade e a monotonia retirando vantagens dos novos materiais disponíveis, enfocando o caráter da cenografia e fantasia.

Nesse sentido, seus projetos possuem uma tendência muito mais estética do que funcional, na medida em que se utiliza da profusão de elementos construídos no tratamento dos espaços, muitas vezes sem intenções específicas, a não ser o de inflexionar o modelo moderno de organização dos espaços a partir do viés cenográfico que possui. A Corrente Minimalista (Figura 5) elimina os excessos dos elementos naturais, reduzindo ao mínimo a utilização de elementos compositivos fazendo com que a paisagem explore ao máximo as suas qualidades estéticas.

Não se pode incorrer ao erro de igualar o minimalismo a uma corrente “simplória” ou meramente reducionista. Ao contrário, o traço de um projeto seguindo esse partido formal exige um domínio e reflexão espacial extremamente densa, a ponto de dominar os cheios e vazios de modo que as decisões sejam estruturais e garantam que o usuário apreenda a informação e sensação mais relevante do espaço com a máxima redução dos elementos.

O projeto da Figura 5, *Red Ribbon Park*, concebido pelo *Turenscape Group*, se define por um percurso sinuoso em volta do rio demarcado por um único elemento vermelho que assume a função de assento para os usuários, direcionamento do percurso, iluminação do caminho, e suporte para herbáceas. Tal solução ilustra a maneira pela qual o minimalismo concentra a apreensão da paisagem e sua dinamização com a redução de elementos para tal.



FIGURA 6 — *Grand Canal Square*, Dublin — Irlanda.
Fonte: Partners (2013, *online*).

A Corrente Desconstrutivista (Figura 6), em contraponto ao minimalismo, desloca os elementos da geometria por meio da desconstrução de planos, linhas e pontos, utilizando-se de cores vivas e materiais contrastantes para ressaltar diferenças e lógicas compositivas do espaço.

Assim como o minimalismo não estrutura o espaço com um mero reducionismo de elementos, o desconstrutivismo não é sinônimo de lançamento aleatório de formas tortuosas ou “linhas quebradas” que definam o espaço. A estruturação de um projeto segundo essa corrente exige o domínio pleno da forma perfeita, dos seus ângulos, arestas, formatos a ponto de conseguir desconstruí-los para projetar um espaço que mesmo em sua “desordem” possua unidade compositiva e espacial.

No projeto do *Grand Canal*, Martha Schwartz define esse local de entretenimento a partir de um grande eixo de piso vermelho que conecta o teatro de *Dublin* ao canal. O tom vibrante vermelho contrasta com a iluminação verde presente em polígonos justapostos e compostos por linhas irregulares, espacializando características próprias do desconstrutivismo. Em período noturno alguns bastões vermelhos dispostos como luminárias no projeto reforçam o contraste de cores próprio desse projeto.

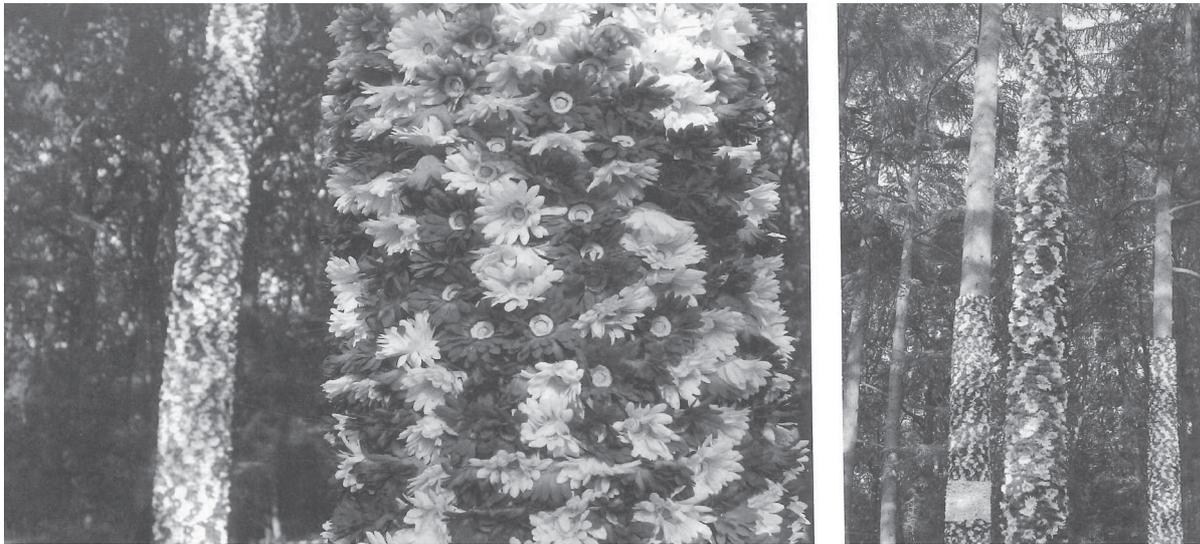


FIGURA 7 — Projeto Solange, Lyon — França.
Fonte: Uffelem (2009, p.788).

O desconstrutivismo começa a se estabelecer a partir da década de 1990, quase ao mesmo tempo que a Arte Ambiental que, com a intervenção estética na natureza, integrada à composição espacial, se abre para novas experiências visuais com instalações normalmente (mas nem sempre) temporárias e atípicas.

A arte ambiental é uma corrente que é utilizada em um contexto não apenas de intervenção paisagística, mas anteriormente um modo de expressão artística que pode utilizar tanto uma instalação temporária na natureza a partir de releituras estéticas de suas composições (Figura 7), quanto inserir em contextos mais antrópicos se atendo, muitas vezes, a uma crítica institucional a partir da sua proposta ou a uma modelagem do espaço como arte.

É válido ainda considerar uma particularidade da arte ambiental em relação às outras correntes paisagísticas. As imagens deixam claro que se as outras correntes estruturam o funcionamento de um determinado espaço aberto, cada uma com suas características compositivas próprias, a arte ambiental não foca em resolver a função do espaço em sua concepção, ao contrário, valoriza muito mais o espaço, e os recursos utilizados, como expressão do que o espaço como uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do século XXI se caracterizou pela extrema velocidade de comunicação e troca de informações que abrangeram todas as instâncias do cotidiano e superaram possibilidades de conhecimento até então experimentadas. Surgiram inúmeros movimentos artísticos inovadores nas mais diferentes áreas de expressão.

O pluralismo formal das tendências paisagísticas contemporâneas vai desde a rigidez historicista do passado arquitetônico até à leveza da arquitetura minimalista com suas formas simples.

As correntes paisagísticas contemporâneas além de se encontrarem em um período histórico em que o espaço urbano passa por um processo de novos modos de apropriação e uso coletivo — o que amplia a diversidade dos programas dos projetos de espaços abertos —, contam também com a possibilidade de tecnologias e materiais construtivos em constante renovação para concretizar uma diversidade de intenções arquitetônicas e paisagísticas.

Essa multiplicidade de correntes define um generoso quadro de possibilidades compositivas espaciais, ou seja, flexibilizam o traço do arquiteto em relação ao espaço a ser resolvido, estabelecendo uma maior importância das características existentes desse na interpretação e proposição de novas espacialidades.

A clara distinção entre as linguagens contemporâneas, em relação as suas características, tanto dão uma maior envergadura sobre o modo de pensar o espaço, como aproximam a potencialidade de se constituírem projetos mais identitários com as condicionantes do local de implantação, o que refuta os pressupostos modernistas que previam um modelo estandar de se pensar o projeto, independente das características próprias de cada localidade.

Contudo, o domínio dos potenciais dessas linguagens se apresenta de forma tímida dentro do exercício da profissão de arquitetura e urbanismo no Brasil. Isso se dá não apenas por um desconhecimento de muitos profissionais acerca das correntes e suas características expressas no espaço, mas pelo projeto da paisagem, especialmente no cenário nacional, ser igualado à jardinagem em diversos casos, o que é um grave erro conceitual⁴.

Em decorrência disso, se veiculam diretamente a falta de qualidade formal, compositiva e funcional dos projetos e/ou a replicação de soluções pobres comumente presente nos espaços abertos urbanos: como os bancos de praça comercialmente desenvolvidos, postes republicanos, calçamento padrão etc; espalhados em praças e parques de todo o território nacional.

Nesse sentido, a carência de uma discussão ampliada acerca das correntes paisagísticas contemporâneas no Brasil em âmbito científico é diretamente proporcional ao pequeno elenco de projetos que se preocupam na busca de traços definidores de espaços que contenham a identidade, composição e riqueza de soluções que essa diversidade de linguagens é capaz de articular.

Percebe-se nos projetos atuais a permanência de influências modernistas no modo de pensar a composição espacial. Muitos espaços abertos urbanos nacionais, especialmente quando se consideram as praças, possuem características muito semelhantes entre si e recorrentemente despreocupadas com o contexto de inserção. A estandarização da composição espacial desses projetos empobrece as possibilidades

de apropriação pela população e criação de uma identidade projetual. A falta de domínio das correntes paisagísticas e o desconhecimento de possibilidades tecnológicas influenciam claramente nesse contexto.

Existe uma urgência de rediscussão no processo projetual dos espaços abertos, em que essas linguagens participem como articuladoras efetivas entre condições/características do local e intenção do profissional, minimizando a ploriferação de projetos funcionalmente e compositivamente pobres que esmaecem tanto o desenvolvimento da apropriação dos espaços abertos, a importância das linguagens contemporâneas no processo de criação de projetos com uma legítima identidade cultural e espacial.

NOTAS

1. Essa é a década em que o termo *sustentabilidade* ganha definição na Comissão Mundial do Ambiente e Desenvolvimento (1987) — no relatório Brundtland —, pela primeira vez exposto e definido com essa terminologia influenciado pelo conceito de “ecodesenvolvimento” apresentado por Ignacy Sachs em 1971. A partir desse momento o desenvolvimento do desenho das cidades irá preocupar-se com as áreas verdes com maior evidência.
2. A discussão sobre sustentabilidade urbana, em âmbito nacional, se tornou mais corrente no meio técnico e acadêmico muito em decorrência do eco causado pelas reflexões advindas da Conferência Rio 92, e dado aos problemas emergenciais evidenciados a partir de catástrofes de cunho especialmente ambiental.
3. Por projetos de construção honesta entende-se aqueles que evidenciam as características próprias dos materiais que constituem seus espaços, ou seja, não “escondem” os materiais que compõem o espaço com revestimentos ou outros artificios.
4. Entre paisagem, paisagismo e jardinagem.

REFERÊNCIAS

- BONAMETTI, J.H. *Paisagem urbana e poder*. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, Portugal, 2006. p.317.
- COMISSÃO MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Relatório Brundtland, 1987*. Disponível em: <<http://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2013.
- FRANCO, M.A.R. *Desenho ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem*. São Paulo: Annablume, 1997.
- HOLDEN, R. *Nueva arquitectura del paisaje*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003. p.16-29.
- MACEDO, S.S.; ROBBIA, F. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2002.
- PARTNERS, M.S. *Imagem de Grand Canal Square, Dublin, Irlanda*. 2013. Disponível em: <http://www.marthaschwartz.com/projects/civic_institutional_dublin.php>. Acesso em: 20 set. 2013.
- TURENSCAPE. *Imagem do Red Ribbon Park, China*. 2007. Disponível em: <<http://www.turenscape.com>>. Acesso em: 17 set. 2013.
- UFFELEM, C. (Coord.). *1000 x landscape architecture*. Passo Fundo: Braun, 2009.

JOÃO HENRIQUE BONAMETTI Pontifícia Universidade Católica do Paraná | Escola de Arquitetura e Design |
Curso de Arquitetura e Urbanismo | R. Imaculada Conceição, 1155, Prado Velho, 80215-901, Curitiba, PR, Brasil
| Correspondência para/*Correspondence to*: J.H. BONAMETTI | *E-mail*: <joao.bonametti@pucpr.br>.

ANDREI MIKHAIL ZAIATZ CRESTANI Pontifícia Universidade Católica do Paraná | Escola de Arquitetura
e Design | Curso de Arquitetura e Urbanismo | Curitiba, PR, Brasil.

Recebido em
30/9/2013 e
aceito para
publicação em
19/12/2013.